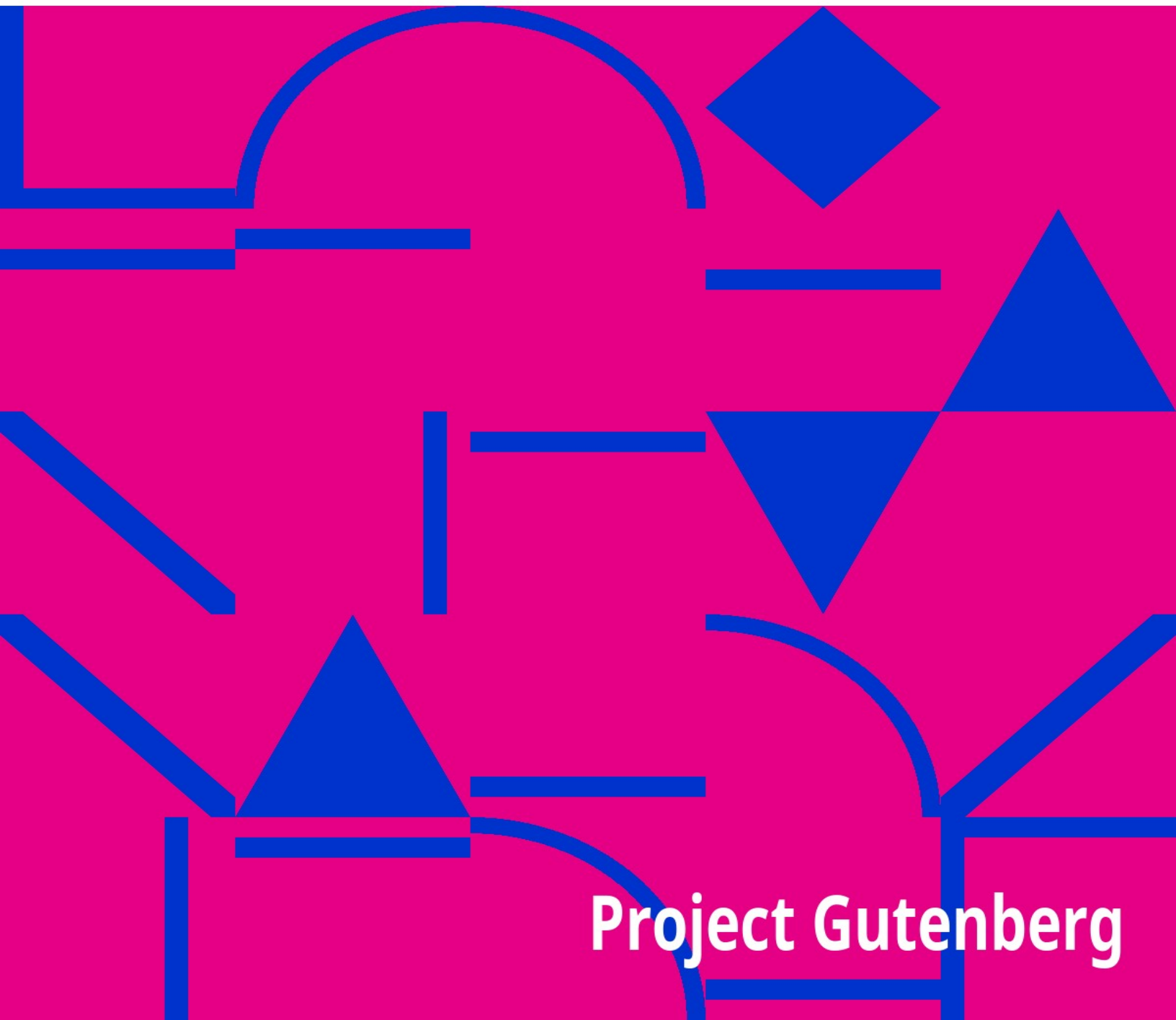


Luiz de Camões marinheiro

Vicente de Almeida de Eça

The background of the lower half of the image is a solid pink color. Overlaid on this background is a complex, abstract pattern of various blue geometric shapes. These shapes include circles, semi-circles, triangles, diamonds, and straight lines of varying lengths and orientations. Some shapes are solid blue, while others are outlines. The pattern is dense and covers the entire lower half of the image, creating a modern, geometric aesthetic.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Luiz de Camões marinheiro

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Luiz de Camões marinheiro

Author: Vicente de Almeida de Eça

Release date: June 8, 2007 [eBook #21779]
Most recently updated: January 2, 2021

Language: Portuguese

Original publication: David Corazzi--Editor Empreza Horas Romanticas
Rua da Atalaya, 40 a 52, 1880

Credits: Produced by Pedro Saborano. Para comentários à transcrição visite <http://pt-scriba.blogspot.com/> (This book was produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LUIZ DE CAMÕES MARINHEIRO ***

LUIZ DE CAMÕES
MARINHEIRO

ESTUDO

POR

ALMEIDA D'EÇA

DAVID CORAZZI--EDITOR
EMPRESA HORAS ROMANTICAS
Rua da Atalaya, 40 a 52
1880

Quem deixará, até onde cheguem as suas
forças, de concorrer para illustrar o nome do
Poeta extraordinario que empreendeu e levou a
cabo o levantar o monumento da nossa gloria
nacional?

VISCONDE DE JUROMENHA. *Obras de Camões.*
Vol. I, pag. 7.

O perscrutar os mais fundos recessos do espirito
de um poeta como Camões, não é indigno da
critica, nem um estudo vasio de interesse.

J. G. MONTEIRO. *Carta ácerca da ilha dos
amores*, pag. 11.

A maior parte das observações, que vão ler-se, foram feitas longe da patria, quando o poema de Camões era o unico amigo intimo com quem desabafavamos saudades e soffrimentos. Concluimos depois este humilde estudo em uma aldeia de Portugal, onde faltavam os bons livros e mestres, cuja consulta seria indispensavel para que elle fosse menos que imperfeito. Sirva isto de desculpa á rudeza d'estas linhas, que só

pretendem ser homenagem de agradecimento áquelle que tão bem soube fallar ao coração do marinheiro.

Abril de 1880.

I

O nosso Epico, o immortal auctor dos *Lusiadas*, o escriptor que fez com que o estrangeiro não esquecesse de todo o nome portuguez,--tudo isto se diz que foi Luiz de Camões. A fibra patriotica julga-se quite da divida de gratidão ao grande Poeta com ter-lhe erigido um monumento de gosto duvidoso, em sitio acanhado da capital, e com pronunciar o seu nome quando lhe dizem os desalentados que Portugal é uma terra morta. Mas, por se orgulharem tanto de ser filhos do mesmo torrão em que nasceu Camões, nem por isso esses, que tantas vezes lhe citam o nome, sentem tentação de tomar conhecimento, sequer passageiro, do que elles dizem ser um padrão das nossas glorias; e, não fallando nos que propriamente se dedicam aos estudos litterarios, porque a esses incumbe o dever de conhecerem as obras do nosso Poeta, raro se encontrará nas classes illustradas um portuguez que dos *Lusiadas* tenha lido mais que as poucas oitavas *selectas*, que se encontram nos compendios de instrucção.

Assim, ao passo que o inglez, o allemão ou o francez menos dado ás lides litterarias, mas que se preze de ter uma educação regular, conhece, possui, lê e cita amiudadas vezes Shakespeare, Milton e Byron, ou Schiller e Goethe, ou Molière e Lafontaine, nós, desprezando as joias de metal sem liga pelos enfeites de ouro, fallamos de Camões quasi como os cegos poderão fallar da luz. E o mal é tanto maior quanto uma audaciosa escola contemporanea tenta arrogar-se o exclusivo de fallar verdade, de *photographar* a natureza, como dizem os seus corypheus, dando a entender que o que antes d'elles se escreveu era tudo falso, que ninguem tinha habilidade para copiar a natureza, e que só elles sabem chamar as cousas pelo seu nome!

Não nos permitem as nossas poucas forças entrar na liça contra essa escola, que hoje parece ter assambarcado o gosto e os louvores do publico; só quizeramos pedir respeitosamente aos thuriferarios do novo idolo, que consintam a algum *retrogrado* da arte o conservar no mais intimo do seu espirito a crença de que, em tempos que já lá vão, houve quem escrevesse com realidade, quem pintasse a natureza tal como ella

é; consintam-lhe que, lendo o pobre Camões, encontre n'elle descripções verdadeiramente reaes ou *realistas*, porque são apenas verdadeiras.

Para se ser poeta, verdadeiramente poeta, para se fallar poeticamente da natureza ou das artes, não basta ter a inspiração do rythmo, saber alinhar palavras ora altisonantes ora docemente musicaes; é necessario conhecer a natureza, conhecer as artes e as sciencias de que se quer fallar, é necessario sentil-as, consubstanciar-se com ellas. Para fallar de astronomia, ainda mesmo poeticamente, é necessario conhecer os astros; para fallar do mar é necessario ter percorrido os oceanos, ter presenciado as tempestades, ter soffrido com o marinheiro, porque

quem não sabe a arte, não na estima

(Lus. V, 97.)

Quem não tiver conhecido exactamente e sentido as cousas que quer descrever, só póde copiar uma natureza subjectiva, filha da imaginação, pura invenção do seu cerebro. É por isso que vemos hoje um Pharaó montado em corcel andaluz, mastodontes em correrias desenfreadas pelas florestas virgens da Europa contemporanea, condores pousados graciosamente nos calices das rosas, e... *il resto no lo dico*.

Mas Camões viu os continentes e as ilhas, os oceanos e as montanhas, e por isso é o grande pintor da natureza; Camões foi soldado, e por isso é o veridico narrador das batalhas; Camões serviu cargos do estado, e por isso dos seus versos se póde tirar um tratado completo de politica; Camões, finalmente, navegou muito, e por isso é, como diz Alexandre de Humboldt, um grande pintor maritimo.

Espiritos elevados e intelligencias altamente illustradas tem já considerado o nosso Poeta debaixo de alguns d'estes pontos de vista. Parece-nos, comtudo, que ainda se não explorou sufficientemente um dos veios mais ricos d'essa riquissima mina. Tentaremos nós, em rapido esboço, mostrar como na sua palheta de multiplices côres tinha Camões algumas das mais brilhantes e apropriadas para descrever o mar e pintar os homens que n'elle vivem. Procuraremos mostrar como Camões foi um marinheiro, mas um marinheiro de alma e coração divinamente inspirados; procuraremos demonstrar como lhe assenta bem o epitheto de *Naval Poet*, que lhe deu

um escriptor inglez, e teremos assim justificado o titulo que demos a este despretencioso trabalho.

II

Para poder tratar da sciencia e da arte do marinheiro com a provada exatidão e superior proficiencia, que se observam nas suas obras, devia Camões ter tido um longo tirocinio maritimo, pois só com largas viagens sobre o mar poderia elle adquirir esses conhecimentos tão variados.

Se ainda hoje, com tantos tratados e livros ao alcance de todas as intelligencias, é comtudo difficil, a quem não viu o mar e os seus trabalhos, fazer d'elles uma idéa aproximadamente exacta, muito mais acontecia isso no tempo do Poeta, quando a geographia, a astronomia e a nautica eram sciencias, alem de atrasadas, possuidas por poucos, de modo que a maioria das pessoas, ainda mesmo das classes illustradas, faziam de tudo o que dizia respeito á navegação, idéa vaga e por vezes muito afastada da verdade, confundindo-se no seu espirito os verdadeiros perigos do mar com os horrores e medos imaginarios, que eram ainda restos da tradição do Mar Tenebroso. Os escriptores, que não tinham navegado, ao descreverem scenas maritimas, serviam-se de um padrão uniforme, successivamente copiado ou imitado, e em que a natureza muitas vezes tinha pouca parte. E realmente, como poderá descrever com exactidão uma tempestade quem nunca tenha visto alguma? Como poderá descrever com verdade o alvoroço sentido pelo marinheiro ao avistar terra, depois da longa e trabalhosa navegação, aquelle que nunca saiu do remanso da patria e do conchego da familia?

Mas o nosso Poeta foi n'esse ponto mais feliz que nenhum outro, porque navegou e viajou muito, e de si podia dizer o que poz na bôca do Gama:

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por sciencia

Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

(Lus. v, 17.)

Antes, pois, de vermos como o Poeta tratou das cousas do mar, recordemos da sua biographia o que diga respeito ás navegações que fez.

Luiz de Camões embarcou pela primeira vez pelos annos de 1546. Este primeiro embarque parece ter sido um castigo motivado ou pelos seus malfadados amores com D. Catharina d'Athayde ou por qualquer outra causa, talvez um duello dos muitos que lhe originava o seu genio ardente e cavalheiroso, que lhe valeu dos companheiros e quiçá dos emulos a alcunha de Trinca-fortes. Certo é que partiu para Ceuta, e em tão boa ou má hora que, logo n'essa viagem, teve um recontro com corsarios barbarescos, suppondo-se que foi então que perdeu o olho direito.

Voltou de Africa em 1549 em companhia de D. Affonso de Noronha, que tinha sido capitão de Ceuta, e que, chegado a Lisboa, foi nomeado vice-rei da India por D. João III. Vinha o Poeta já com tenção de se alistar para a India, o que fez com effeito em 1550 na *nau dos Burgalezes*, que pertencia á armada em que D. Affonso de Noronha devia seguir viagem. Não partiu, porém, n'essa occasião, mas sim tres annos depois, a 24 de março de 1553, na armada que levava por capitão-mór Fernão Alvares Cabral. Era tal o seu desejo de partir, ou para deixar a patria onde o perseguiram os desgostos, ou para ver se melhorava de fortuna e podia realizar as aspirações do seu coração, que trocou com outro *homem d'armas*, e embarcou na capitaina, que era a nau *S. Bento*.

N'esta viagem experimentou Camões os duros trabalhos do mar, porque a armada, poucos dias depois de saír de Lisboa, foi assaltada por um temporal que a dispersou. Chegado ás alturas do Cabo pagou o Poeta o tributo devido ao Genio d'aquellas paragens, que elle havia de immortalisar. Essa tormenta, que elle descreveu na sua elegia III, inspirou-lhe com certeza o bello episodio do Adamastor. Não podendo já seguir a viagem pelo canal de Moçambique, ou por ter passado a monção ou por causa das correntes contrarias, a nau *S. Bento* fez a derrota por fóra da ilha de Madagascar, correndo n'aquelle paralelo até á latitude da India. Finalmente, em setembro, chegou o Poeta a Goa, depois de seis mezes de uma viagem, que, parcendo-nos hoje aborrecida e longa, não foi comtudo das peores para aquelle tempo.

A vida dos militares portuguezes na India era um tecido de continuas expedições ora terrestres ora maritimas, predominando comtudo estas ultimas. Por isso, mez e meio depois de ter o Poeta chegado a Goa, já o vemos acompanhar o vice-rei em uma d'essas expedições, que tinha por fim soccorrer o rei de Cochim. Ahi teve elle occasião de observar desembarques e combates em terra. Logo em seguida a esta viagem ao sul de Goa fez o Poeta outra ao norte, embarcando na armada que foi correr a costa meridional da Arabia e cruzar no golfo de Aden, a qual era commandada por D. Fernando de Menezes, filho do vice-rei. N'esta expedição teve Camões desembarques, assaltos de fortalezas, combates navaes, e um cruzeiro enfadonho em que muitas vezes contemplou com desgosto a triste aridez do Guardafui, até que em setembro de 1554 regressou a Goa.

Dois annos depois, sendo já governador da India Francisco Barreto, foi o nosso Poeta para a China, na armada de Francisco Martins, para occupar o cargo de provedor dos defuntos e ausentes.

O nosso primeiro estabelecimento na China tinha sido na cidade de Liampó, e chegou a tão grande altura de riqueza e prosperidade commercial, como se póde ver das descripções que Fernão Mendes Pinto faz das festas com que ali foi recebido o famigerado Antonio de Faria. Perdeu-se este estabelecimento em 1542, por causa das desordens provocadas pelo negociante Lançarote Pereira. Em 1544 conseguiram os portuguezes estabelecer-se em Chíncheu, mas tambem d'ahi foram expulsos em 1547 por causa das malversações e expoliações de Ayres Botelho de Sousa, capitão-mór e prevedor dos defuntos. Finalmente, faziam o seu commercio em Lampacau, quando em 1557 obtiveram dos chinas o estabelecerem-se na peninsula de Macau, como premio de terem expulsado dos seus portos um temivel pirata? É, pois, provavel que o nosso Poeta fosse ainda tomar parte n'esse combate, que deu aos portuguezes a posse d'aquelle estabelecimento, e a elle a do lugar para que ía nomeado.

Querem a maior parte dos escriptores, que tratam da vida de Camões, que a ida d'elle para a China fosse degreído imposto por Francisco Barreto, por causa da critica acerba que o genio mordaz e independente do Poeta fazia ás cousas da India, mas o erudito biographo de Camões e seu editor moderno, a quem nos encostamos n'estes apontamentos, defende a memoria do governador, e julga que se não deve considerar castigo a nomeação para um lugar tão rendoso.

Foi o Poeta infeliz em Macau, porque, dois annos depois de chegar, nos primeiros mezes de 1558, veio preso para Goa, á ordem do governador, por accusações sobre a sua administração dos bens dos defuntos e ausentes. Quem sabe se elle vinha pagar as culpas do seu antecessor Ayres Botelho? Foi n'esta viagem de regresso a Goa que elle naufragou na costa de Camboja na Cochinchina, salvando-se a nado com o seu poema, e perdendo tudo o mais que possuia. A este naufragio allude elle quando diz que o rio Mé-kong

receberá placido e brando
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada do que ditosa.

(Lus. X, 128.)

Chegado a Goa, onde já estava o novo vice-rei D. Constantino de Bragança, foi o Poeta solto, tendo-se justificado das accusações por que vinha preso. Desde então até 1567 succederam-se as suas viagens por todo o Oriente, e é provavel que acompanhasse D. Diogo de Menezes a Malacca e d'ahi fosse percorrer as Molucas e chegasse mesmo ao Japão.

Voltou a Goa pelo meiado de 1567, e foi agraciado pelo vice-rei D. Antão de Noronha com a sobrevivencia no cargo de feitor de Chaúl, lugar de representação e bom ordenado. Não chegou, porém, o Poeta a tomar posse d'elle, porque, cansado de perseguições e soffrimentos, aproveitou o offerecimento de passagem que lhe fez Pedro Barreto, o qual ía por capitão-mór para Moçambique, e com elle deixou Goa em 1567, fazendo assim a sua ultima viagem no oceano Indico. Em Moçambique esteve cerca de dois annos, e foi ahi que terminou e aperfeiçoou o seu poema, feito quasi todo já durante o tempo em que elle esteve em Macau, já durante as suas viagens e expedições, pois diz elle dirigindo-se ás Nymphas do Tejo e do Mondego:

Olhae que ha tanto tempo que *cantando*
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos
A fortuna me traz perigrinando,
Novos trabalhos vendo e novos damnos,
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os *perigos mavorcios* inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna.

(Lus. VII, 79.)

Finalmente, em 1569, arribou a Moçambique a armada que regressava ao reino, e na qual íam os amigos do Poeta, os quaes, tendo pago as suas dividas, o trouxeram a Portugal na nau *Santa Clara*, «nau a mais rica, diz o sr. visconde de Juromenha, que tinha vindo de carreira da India, pois trazia a seu bordo Luiz de Camões e Diogo do Couto.»

Fundeou a nau na bahia de Cascaes em abril de 1570, e assim terminaram as longas peripetrias do Poeta.

Dez annos depois, a 10 de junho de 1580, morria Luiz de Camões, pobre e desamparado, e «vereis todos, escrevia elle pouco antes de deixar o mundo, que fui tão affeiçãoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella!»

III

Temos visto como Luiz de Camões percorreu em repetidas viagens o Oceano Atlantico e o Indico, o mar da China e os Estreitos. Para vermos como a sua intelligencia superior aproveitou este longo tirocinio, appropriando-se e, por assim dizer, assimilando-se tudo quanto observára, phenomenos do mar, costumes dos marinheiros, sciencia de navegação, etc., basta abrir o seu immortal poema, porque ahi, sempre que elle tem de se referir ás cousas do mar, fal-o com a maxima propriedade, com toda a verdade de descripção.

Respiguemos, pois, n'essa vasta campina de tantas flores e fructos.

A vida do marinheiro tem tormentos e prazeres desconhecidos aos homens de terra. A lucta constante com os elementos torna-o *rudo*, epitheto que o Poeta a miude lhe dá. A monotonia dos longos dias em que se não vê *mais que mar e céu* (Lus. V, 3), faz com que elle procure abreviar o tempo com historias e contos, torna-o investigador curioso das cousas novas que vae vendo. A saudade da patria faz-lhe alvoroçar o coração com a lembrança d'ella, e é por isso que elle procura ser o primeiro a dar o alegre brado de--«Terra á vista!»--brado que faz esquecer todos os trabalhos e males passados.

Tudo isto observou Camões.

Deixa o marinheiro a patria e despede-se dos parentes e amigos, que o vão acompanhar ao embarque, não fallando nos curiosos que não perdem o imponente espectaculo que offerece um navio ao fazer-se de véla. Concorre pois, muita gente,

Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente,
Saudosos na vista e descontentes.

(Lus. IV, 88.)

Os que deixam a patria vão

Para os bateis caminhando.

(Lus., ibidem.)

Não o fazem a olhos enxutos; as lamentações dos que os acompanham redobram de intensidade á medida que se aproxima a hora fatal; a extrema afflicção faz perder a esperança do regresso; lamentam-se todos,

As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo

(Lus. IV, 89.)

É doloroso aquelle transe, mas o dever e a necessidade fazem calar a voz do coração. Para evitar mais lagrimas esconde-se a hora exacta da partida, e embarcam-se

Sem o despedimento costumado.

(Lus. IV, 93.)

E partem, ficando-lhes,

na amada terra
O coração, que as maguas lá deixavam,

(Lus. V, 3.)

Dura ha muitos dias a viagem. O vento é de feição, o mar plano, os horisontes claros e extensos. Navega-se de escota folgada. O commandante,

já cansado
De vigiar a noite,
Breve repouso aos olhos dava.

(Lus. II, 60.)

Dá meia noite, rendem-se os quartos,

Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam

(Lus. VI, 38.)

Como é desagradavel deixar o conchego da maca ou do beliche, quando
estavamos no melhor do somno, quando talvez a imaginação nos tinha
transportado á patria *em dôces sonhos que mentiam*, para ir fazer um
quarto em cima da tolda, aguentando o aspero frio da noite! Por isso os
pobres marinheiros

Vencidos vem do somno, e mal despertos,
Bocejando a miude, se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam.

(Lus. VI, 39.)

Não ha manobras a fazer, não ha cousa alguma que distráia, porque, com
tempo tão excellent, só é preciso estar álerta. Como se hão de passar
aquellas quatro horas e afugentar o somno teimoso?

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem,

(Lus., ibidem.)

E ahi começa o orador, o *beau-diseur* da companhia, a contar uma historia interessante, que entretém a todos e faz voar as horas.

Mas nem tudo são rosas durante a viagem; bem pelo contrario, os espinhos são em numero muito superior. Aos dias de bom tempo succedem as tempestades, que tornam o marinheiro

Confuso de temor, da vida incerto

(Lus. VI, 80.)

e durante os quaes elle muitas vezes

Chama aquelle remedio santo e forte
Que o impossivel póde;

(Lus., ibidem.)

chama
Aquelle que a salvar o mundo veio

(Lus. VI, 75.)

A navegação demorada e aborrecida tem exacerbado as saudades e irritado os animos; já se não juntam os grupos pelas amuradas a contar historias. Escaceia a aguada, a bolacha está avariada, azedou o vinho; vae-se a meia ração e a menos; aproxima-se o terrivel espectro das viagens prolongadas, o escorbuto. Assim vivem por muito tempo os marinheiros *coitados e perdidos*,

De fomes, de tormentas quebrantados
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos;
Corrupto já e damnado o mantimento
Damnoso e mau ao fraco corpo humano,
E alem d'isso nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.

(Lus. V, 70, 71.)

A tudo se resigna o marinheiro e vae

Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado c'um arduo soffrimento

(Lus. VI, 97.)

E peor é ainda quando chega a terrivel doença, *crua e feia*, de que já
fallámos, com a qual

Tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na bôca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia
c'hum fetido e bruto
Cheiro que o ar visinho inficionava

(Lus. V, 81, 82.)

Assim se passam as semanas e os mezes. Anceia o marinheiro por pôr
termo a uma navegação já aborrecida, por ter algum descanso n'aquelle
lidar diario. Suspeita-se que está proxima a terra; porfia-se em qual será o
primeiro que a veja; algum mais desejoso de ganhar as alviças sobe á
cela gavea, e percorrendo o mar com a vista, enxerga

Terra alta pela prôa

(Lus. VI, 92.)

e logo

«Terra, terra!» brada

(Lus. V, 24.)

Quem ha que fique indifferente a este brado? Os mais occupados largam tudo por mão, os que dormem levantam-se estremunhados dos catres, e

Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte,

(Lus., ibidem.)

devorando com elles as fórmãs ainda mal distinctas da terra, e começando

Á maneira de nuvens
A descobrir os montes.

(Lus. V, 25.)

Deu-se fundo. Acabaram os trabalhos e perigos, e quasi já esqueceram. Tudo é curiosidade dos marinheiros em observar as pessoas que de terra vem a bordo;

A gente se alvoroça; e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa d'ella.

(Lus. I, 45.)

Como não podem chegar-se e interrogar esses individuos, porque elles estão conversando com o commandante, contentam-se com espreital-os, e por isso

Está a gente maritima
Subida pela enxarcia.

(Lus. I, 62.)

Por fim a curiosidade vence o respeito, e elles vão-se chegando pouco a pouco para ouvir as novidades;

A gente se ajunta a ouvir.

(Lus. VII, 29.)

Chega depois a noite; são horas de descansar e dormir pela primeira vez com socego. Mas o marinheiro esquece-se d'isso para, ou a sós consigo, ou dando largas á sua loquacidade, fazer commentarios sobre o que viu e ouviu;

Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada.

(Lus. I, 57.)

Não escapou a Camões a qualidade ou defeito característico do marinheiro portuguez, principalmente do algarvio, sempre fallador e gritador. Ainda hoje, com a disciplina moderna, é facil conseguir do marinheiro que elle faça tudo, que soffra as maiores privações, que arroste os maiores perigos; mas é difficilimo conseguir que elle esteja calado. Ha sobretudo certas manobras em que é quasi impossivel obter um silencio completo, e no tempo das descobertas, diz-nos o Poeta que os marinheiros suspendiam

as ancoras
Com a nautica *grita costumada*,

(Lus. II, 18.)

e largavam

A véla, que *com grita* se soltava.

(Lus. IX, 11.)

E em outro logar ainda diz-nos que

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha.

(Lus. II, 25.)

Mas, se é inconveniente a gritaria dos marinheiros, bem pelo contrario é necessario que o official que commanda a manobra tenha voz sonora e vibrante, que domine o ruido do temporal e incuta coragem nos subordinados. Por isso nos Lusiadas, quando ruge a tempestade e é preciso que *não falte accordo*, o mestre dá as vozes do commando *rijamente e a grandes brados* (Lus. VI, 71, 72.)

Quando o seu navio fundeou no porto, começam para o homem do mar dias mais alegres e socegados que os passados na viagem. É então que elle se esquece da vida que levou durante tanto tempo e vae a terra,

Que não ha nenhum d'elles que não saía,

(Lus. IX, 66.)

como gente que é

De ver cousas estranhas desejosa
Da terra.

(Lus. V, 26.)

Ahi encontra sempre divertimentos, e quando os não encontra, improvisa-os. Outras vezes recebe elle a bordo as pessoas de terra, e faz-lhes as honras da sua morada com a satisfação e liberalidade que o caracteriza.

As festas de bordo fazem-se sempre *com a prata da casa*, e comtudo é por extremo agradável a vista que offerece um navio preparado para celebrar qualquer data memoravel, ou para festejar a visita de um personagem. Galhardetes e bandeiras com as côres symmetricamente dispostas adornam os mastros; outros forram os toldos e formam sanefas pelas amuradas; lustres e troféus feitos com armas e instrumentos nauticos transformam a tolda do navio em salão de baile elegantemente adornado; os proprios pandeiros de cabos colhidos com arte desenham no nitido convez florões e iniciaes, ou servem de divans aos convidados. Os altos personagens são recebidos com marchas tocadas pelas cornetas e tambores, com musicas executadas pelas charangas, com revista da

guarnição a postos de combate, com salvas de artilheria. De noite ilumina-se o mar com foguetes e tigellinhas. De tudo isto fallou Camões.

Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou
Por receber com festas e alegria;

(Lus. I, 39.)

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando;

(Lus. II, 100.)

Outros
Instrumentos altinosos tangiam.

(Lus. II, 90.)

Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros e espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas;
As bombas vem de fogo e juntamente
As panellas sulphuras tão damnosas.

(Lus. I, 67, 68.)

Não faltam ali os raios de artificio
Os tremulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céu, a terra, e as ondas atroando

(Lus. XI, 90.)

Às salvas de bordo *agradecem* as fortalezas de terra, salvando tambem:

Respondem-lhe de terra juntamente
Co'o raio volteando com zonido;

(Lus. II, 91.)

e o canhão faz ouvir tanto e tão repetidas vezes a sua voz atroadora que
as festas e cumprimentos entre gente marítima são sempre

Á maneira de peleja.

(Lus., ibidem.)

Veja-se agora se n'este assumpto, aliás secundario, esqueceu ao Poeta
alguma circumstancia notavel!

IV

Se dos costumes dos homens do mar passamos aos trabalhos manuaes, que constituem a parte pratica da sua arte, vamos encontrar nos Lusiadas descripções e allusões a quasi todas as fainas e manobras tão variadas, que são necessarias para fazer servir essa complicada machina que se chama *navio*.

É imponente o espectaculo que offerece a tolda de um navio em faina geral de fazer-se de véla. Por mais numerosa que seja a guarnição, todos tem o seu posto detalhado e todos tem que fazer. Descreve Camões essa faina da maneira seguinte:

Já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito a dura barra,
Outros pendem da verga e já desatam
A véla.

(Lus. IX, 10, 11.)

Está o ferro a *pique*, redobram os esforços dos marinheiros para o suspender;

As ancoras tenaces vão levando,

(Lus. II, 18.)

e ao mesmo tempo

Da proa as vélas sós ao vento dado,

(Lus., ibidem.)

obrigam o navio a *fazer cabeça*, e eil-o que vae em demanda da barra.

Nos versos que acabamos de citar estão compendiadas todas as manobras necessarias para um navio se fazer de véla. Não o faria melhor o Bonnefoux ou o Bréart!

Na descripção da tempestade do canto VI, encontram-se todas as manobras de que se lança mão debaixo de tempo. O mestre, que presente o golpe de vento, *apita á gente* e manda *carregar e ferrar joanetes*,

Os traquetes das gaveas tomar manda,

(Lus. VI, 70)

Mal estão carregados os joanetes, já o vento está a contas com o navio.
Carrega a véla grande!

«Amaina a grande véla!»

(Lus. VI, 71.)

Não se carregou a maior a tempo, por isso ella se rasgou, e o navio, dando a borda de sotavento, metteu dentro uns poucos de *mares*;

No romper da véla a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.

(Lus. VI, 72.)

É preciso allivial-o, quanto seja possivel, dos pesos, e esgotar a agua. Por isso o mestre ordena:

«Alija tudo ao mar,
Vão outros dar á bomba, não cessando!»

(Lus., ibidem.)

e não se esquece de reforçar a *gente do governo*, pondo ao leme

Tres marinheiros duros e forçosos,

(Lus. VI, 73.)

passando-lhe ainda para mais segurança

Talhas d'uma e d'outra parte.

(Lus., ibidem.)

Chega o navio a um porto pouco conhecido. Ao *investir* a barra depara-se com uma pedra á flor d'agua. É necessario *safar* d'ella e quanto antes. Aqui é inevitavel alguma confusão; não se sabe para que lado será melhor *guinar*, e por isso os marinheiros

Maream vélas, ferve a gente irada
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre da poppa brada.

(Lus. II, 24.)

Com similhante contratempo é melhor não commetter a barra e *fundear em franquia*; por isso o commandante

Não entra pela barra, e surge fóra.

(Lus. I, 102.)

Mas depois de reconhecida a barra já se póde tentar a entrada; então

já as proas se inclinavam
Para que amainassem;
A gente e marinheiros
Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta;

(Lus. I, 48.)

e por fim

Pega no fundo a ancora pesada;

(Lus. II, 74.)

e aqui temos nós uma descrição completa da faina de fundear.

Surto o navio no porto, nem por isso cessam as suas manobras e fainas. Uma das mais importantes consiste na limpeza do costado do navio, que depois de uma viagem prolongada se acha coberto de incrustações, molluscos e algas marinhas, principalmente nas obras vivas. Quando os navios não eram forrados de cobre, como hoje são, esta operação era indispensavel, posto que difficultosa, sendo muitas vezes necessario *espalmal-os*, isto é, varal-os na praia, e até *viral-os de querena*. Não se esqueceu o Poeta d'este serviço maritime, descrevendo-o assim:

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.

(Lus. V, 79.)

É tambem um dos primeiros cuidados nos portos o renovar a aguada, e por isso o commandante, logo que póde, determina

De vir por agua a terra;

(Lus. I, 84.)

E vão a seu prazer fazer aguada.

(Lus. I, 93.)

Para este serviço, bem como para todas as communicações com a terra dentro dos portos, serve-se a gente do mar dos *bateis* ou embarcações miudas. Estas embarcações são quasi sempre movidas por meio de remos, cuja manobra é diversa e variada conforme a maior ou menor

pressa e outras circumstancias. Assim, quando o commandante vae a terra fazer uma visita official, a embarcação que o transporta vae de *voga larga e descançada*, e

O remo *compassado* fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio,

(Lus. VII, 43.)

mas quando, por qualquer motivo, é preciso chegar rapidamente, não se póde perder tempo com essas elegancias de manobra; *pica-se a voga e aperta-se o remo* (Lus. V, 32), duplicando a força de impulso e fazendo saltar o escaler por cima das ondas.

Não esqueceram ao Poeta os combates navaes, em que o marinheiro se torna soldado com duplicado valor, pois tem de combater ao mesmo tempo os tormentos e o inimigo. Ora é um desembarque:

Apercebido vae
Em tres bateis.

(Lus. I, 85.)

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia;
A gente
A povoação
Esbombardea, accende e desbarata.

(Lus. I, 89, 90.)

Ora é um combate entre as embarcações miudas dos dois contendores:

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaio subltís.

(Lus. I, 91)

Ora é finalmente uma verdadeira batalha naval entre duas armadas,
quando

em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve.

(Lus. X, 29.)

Primeiro combatem de longe com a artilharia; segue-se depois a
abordagem; e o combate decide-se por ultimo á arma branca. Assim o
vencedor

Das grandes naus,
co'a ferrea pella
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Depois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina inimiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos despejada.

(Lus. X, 28.)

V

Mostrámos até aqui como Camões conhecia e comprehendia os homens do mar, não lhe escapando nem uma das mais pequenas circumstancias, que tornam o seu modo de viver e pensar tão caracterisco e differente do dos homens da terra. Mostrámos tambem com que propriedade e conhecimento elle introduziu no seu poema a descripção ou antes a viva pintura das manobras e fainas que constituem o officio do marinheiro. Vamos agora tentar mostrar como o Poeta comprehendeu o theatro em que se passam as scenas tão variadas da vida do homem do mar.

O mar, esse elemento imponente e magestoso, que enche de espanto o homem que, pela primeira vez, o encara, parecendo á primeira vista tão uniforme e tão igual, apresenta mil aspectos diversos, que são outras tantas manifestações das forças creadoras que abriga em seu seio. D'essas, a mais grandiosa, aquella que irresistivelmente se impõe e subjuga a alma mais destemida, é a tempestade. Nem o volcão vomitando fogo e lavas; nem a trovada fusilando raios, atroando com o ribombar do trovão e inundando com as catadupas de agua; nem o terramoto abalando os edificios e fazendo ondular os montes; nem o kahmsin do deserto enterrando as caravanas com as suas nuvens de areia, nada póde rivalisar com uma tempestade maritima. Esta reúne tudo o que os outros cataclysmos tem de bello e horroroso, e é ainda mais sublime e medonha. E são tão variados os espectaculos offerecidos pela natureza, que ainda nas tempestades maritimas ha differenças e especialidades que as distinguem entre si. Assim o temporal dos Açores não se parece com a tempestade do Cabo, como o cyclone do Oceano Indico differe do tufão do mar da China. São diversas as causas que as originam, diversas as circumstancias meteorologicas com que se manifestam, diversos, se é possivel, os horrores que inspiram.

E, comtudo, Camões apanhou essas differenças, conheceu essas circumstancias especiaes. Duas são as principaes descripções de tempestades maritimas que elle nos offerece no seu poema. A primeira é de um temporal no Cabo da Boa Esperança, e constitue o episodio do

Adamastor, que não transcreveremos por o julgarmos conhecido de todos.
A tempestade começa por uma nuvem *temerosa e carregada*

que os ares escurece;

(Lus. V, 37.)

e effectivamente uma das circumstancias peculiares das tormentas do Cabo é escurecer-se completamente a athmosphera. É tambem notavel a altura que attingem as ondas n'essas occasiões, pois nenhum navegador as viu em parte alguma maiores ou iguaes. Camões notou esta circumstancia na elegia III, onde, descrevendo a sua viagem para a India, diz que

chegando ao Cabo da Esperança
Eis a noute com nuvens se escurece,
Do ar *subitamente* foge o dia
E todo o largo Oceano se embravece;
Em *serras* todo o mar se convertia.

Voltando aos *Lusiadas* observaremos que todo o horror do Cabo da Boa Esperança está n'aquella prophecia do Gigante:

Quantas naus esta viagem
Fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.

(Lus. V, 43.)

E é assim. Não ha paragem alguma do globo onde as tempestades sejam mais frequentes, podendo-se dizer que no Cabo é estado normal o mau tempo, sendo excepção a bonança. A tempestade

c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuvem negra e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.

(Lus. V, 60.)

Aqui se observa como um pesado aguaceiro vem abater as ondas encapelladas, ouvindo-se comtudo por muito tempo o surdo rumor que ellas produzem como feras, mau grado seu, subjugadas pelo chicote do domador.

Mais desenvolvida é a descripção da tempestade no Indico. N'esse mar é conhecida a parte que fica entre a cabeça de Madagascar e as Seychelles pelos frequentes cyclones e golpes de vento que a açoutam e tornam perigosa a navegação. E, pois, ahi

Já nos mares da India,

(Lus. VI, 6.)

que o Poeta colloca o temporal, o qual começa, como é sabido, por uma pequena nuvem que desponta no horisonte, e dentro em pouco, tocada pelo vento com vertiginosa velocidade, occupa toda a athmosphera. A impetuosidade e o repente do assalto não dão tempo a manobras; muitas vezes é necessario *pícar os mastros*, se o cyclone se não encarrega d'isso. O mar cava-se em ondas desencontradas e altissimas, e os relampagos e coriscos vem augmentar o terror. Eis estas scenas successivas da terrivel tragedia pintadas pelo mestre:

O vento cresce
D'aquella nuvem negra que apparece.
Dá a grande e subita procella.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem (a véla grande), mas juntos dando n'ell:
Em pedaços a fazem.
No romper da véla a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nau, n'um bordo os derribaram (os marinheiros.)
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau.
A nau grande

Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada.
Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas,
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.

(Lus. VI, 70 a 76.)

Os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando;
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando;
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões.

(Lus. VI, 84.)

Mas não são apenas os traços geraes da descripção que reproduzem a exacta verdade. Até nas mais pequenas minudencias se mostra rigorosa exactidão. Os ventos são

Noto, Austro, Boreas, Aquilo,

(Lus. VI, 76.)

recordando assim a direcção successivamente differente do vento, percorrendo todos os quadrantes, como se nota nas tempestades de rotação. Os golfinhos ou toninhas, esses graciosos companheiros do navegador durante a bonança, desaparecem d'aquelle theatro de desolação, e são substituidos pelos maçaricos, as *almas do mestre*, como lhes chama a poetica imaginação dos marinheiros, que vem augmentar com os seus pios lamentosos a tristeza do espectáculo:

As Halcyoneas aves o triste canto
 levantaram,
Os delfins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

(Lus. VI, 77.)

Isto é perfeito, isto é enexcedivel. E comtudo ha mais ainda; ha a descripção de outro phenomeno do mar, que, posta em prosa, occuparia o lugar de honra no melhor tratado de meteorologia. É a das trombas marinhas. N'este phenomeno em que *as nuvens do mar sorvem as aguas do Oceano*, começa a levantar-se

No ar um vaporsinho e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se;
D'aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.
Hia-se pouco a pouco accrescentando

E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'agua em si tomada,
Qual roxa sanguisuga
se enche e a alarga grandemente,
Tal a grande columna, enchendo, augmenta,
A si e a nuvem negra que sustenta.
Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo em fim vôou;
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.

(Lus. V, 19 a 22.)

Quem escreveu isto? Foi Bravais? Foi Fitz-Roy? Não; foi Luiz de Camões.

Camões tudo vê, de tudo falla. Ao fogo santelmo chama

lume vivo,
Que a maritima gente tem por santa,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura,

(Lus. V, 18.)

Tambem falla nas correntes maritimas, cujas leis eram pouco conhecidas dos primeiros navegadores, causando-lhes muitos embarços. Ainda hoje no canal de Moçambique se não póde contar com a corrente, ou antes deve-se esperar que ella seja sempre contraria, porque, *como no mar tudo são mudanças*, tão depressa

correm as aguas ao norte como no dia seguinte correm ao sul, e com tal velocidade que vencem muitas vezes a força do vento regular. É, pois, a corrente, como descreve o Poeta

tão possante
Que passar não deixava por diante;
Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava.

(Lus. V, 66, 67.)

Superior á meteorologia é a sciencia astronomica, de todas a mais necessaria ao homem do mar. É ella que lhe ensina a conhecer onde está, a que parte do vasto Oceano o levaram os ventos e correntes; é ella que lhe mostra o caminho a seguir no meio da vasta solidão. Estava esta sciencia bastante atrasada no tempo do Poeta, pois que reinava ainda o errado systema de Ptolomeu. Mas este systema é por elle descripto tão exactamente, que um abalisado professor contemporaneo, ao ter de explical-o nas suas lições de cosmographia, nunca deixava de citar a descripção de Camões. Ptolomeu, fazendo da terra centro immovel de todo o universo, collocava a lua, o sol, os planetas e as estrellas em outras tantas esferas concentricas a ella, e que, sobre um eixo que passava pelos seus polos, giravam com velocidades diversas. Todas estas esferas eram envolvidas por uma ultima, o Empyreo, alem do qual estava o Ser Infinito, pois

Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limada,
He Deus.

(Lus. X, 80.)

Começando, pois, a enumerar as superficies concentricas, cujo conjuncto fórma o systema, diz Camões:

Este orbe, que primeiro vae cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea.

(Lus. X, 81.)

Segue-se o primeiro mobil:

Debaixo d'este circulo,
que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: he o mobile primeiro.

(Lus. X, 85.)

Vem depois os dois crystalinos e logo o céu das fixas, entre as quaes o Poeta não se esqueceu de nomear as doze constellações zodiacaes bem como as outras mais notaveis do firmamento:

Est'outro debaixo esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado
E nos seus axes correm scintillantes;
se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Por outras partes a pintura
as estrellas fulgentes vão fazendo:
A Carreta, a Cynosura,
Andromeda e seu pae, e o Drago,

Cassiopea, Oriente, o Cysne,
A Lebre, os Cães, a Nau e a Lyra.

(Lus. X, 87, 88.)

Seguem-se por sua ordem os céus dos sete planetas então conhecidos, contando n'esse numero o Sol:

Debaixo d'este grande firmamento
o céu de Saturno;
Jupiter faz logo o movimento,
E Marte abaixo;
O claro olho do céu no quarto assento;
E Venus;
Mercurio;
Com tres rostos debaixo vae Diana.

(Lus. X, 89.)

Em seguida á Lua vem finalmente os quatro elementos:

o *fogo* e o *ar*, o vento e a neve
Os quaes jazem mais a dentro,
E tem co'o *mar* a *terra* por assento.

(Lus. X, 90.)

Alem d'esta descripção, que é completa, ha por todo o poema allusões ao firmamento e aos seus brilhantes luzeiros, espectáculo maravilhoso e divino em que se enlevam os olhos do marinheiro durante as longas horas da noite. Citaremos apenas a allusão ao Cruzeiro do Sul:

Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante

Alguns tempos esteve incerta d'ella;

(Lus. V, 14.)

á qual se segue logo a allusão áquella parte do firmamento perto do polo sul, onde as estrellas são mais raras, e que os astrónomos modernos chamam o *Sacco de carvão*:

a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo.

(Lus., ibidem.)

Para acabarmos com a astronomia de Camões diremos ainda que nem sequer se esqueceu elle de fallar da *nautica*, parte pratica ou applicação d'aquella sciencia á navegação, a qual mais directamente ensina o marinheiro a *ver em que parte está* (Lus. V, 26), isto é, a *pôr o ponto na carta*, pois que nos falla do

novo instrumento do Astrolabio
Invenção de subtil juizo e sabio;

(Lus. V, 25.)

que servia, como hoje o sextante, para

tomar do Sol a altura.

(Lus. V, 26.)

VI

Está já cansada a penna de fazer transcripções, é tempo de pôr termo a este trabalho, e ainda não temos percorrido toda a escala de variadissimos tons com que Luiz de Camões teceu a sua harmoniosissima composição sobre as cousas do mar. Fallaremos ainda, antes de terminar, da Geographia, sciencia que o Poeta possuiu em subido grau, e que, como a astronomia e a meteorologia, é tambem essencialmente necessaria ao marinheiro.

Os *Lusiadas* são por si só um completo tratado da sciencia da terra. Não ha ponto conhecido no mundo do seculo XVI de que o Poeta não falle, assignando a cada um a sua feição geographica caracteristica, a sua especialidade ethnographica. Mas as suas descrições tem ainda a particularidade de serem essencialmente maritimas. Effectivamente ao marinheiro o que mais importa saber, depois da posição dos logares, é a fôrma com que elles se apresentam vistos do mar, fôrma que o marinheiro precisa de gravar na memoria para poder distinguir uns dos outros montes, cabos, praias ou enseadas aliás muito semelhantes. Para isto serve-se muitas vezes o navegador da comparação com objectos conhecidos, e foi de certo elle quem inventou os nomes de Sombreiro, Barrete de S. Phillippe, Bonet de Jockey, Nariz de Nelson, e tantos outros, para designar e reter na memoria a fôrma de certas saliencias da superficie da terra banhadas pelo mar. Ora, nas descrições geographicas de Camões, nota-se que elle procura muitas vezes dar o relevo da costa, e que quasi sempre refere a ella a descrição dos outros logares notaveis do interior, por modo que as suas descrições são preciosissimas para um roteiro e ensinam muitas *conhecenças* do *debuxo da costa* (Lus. X, 120), conhecimento altamente necessario ao navegador. Não se esquece tambem o Poeta de notar qualquer circumstancia, cujo

conhecimento seja útil ao navegante, como os productos da terra, a maior ou menor facilidade de se acharem mantimentos, a qualidade dos portos, etc.

Não sendo possível transcrever todos os logares dos *Lusiadas* que tratam de geographia, porque seria preciso copiar dezenas e dezenas de estancias, citaremos apenas alguns poucos exemplos, e seja o primeiro a descrição da Europa:

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterraneo.
Da parte donde o dia vem nascendo
Com Azia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.
Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos ventos se enobrecem;
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está continuo pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

(Lus. III, 6, 7 e 8.)

A esta descrição geral da Europa segue-se a especial dos seus paizes. Como não as podemos descrever todas, lembraremos a da Italia:

Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou,
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos engenhos que na espada;

(Lus. III, 14.)

a de Hespanha:

Eis aqui a nobre Hespanha,
Como cabeça da Europa toda;
Com Tingintina entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se enobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano;
Com nações diferentes se engrandece
Cercadas com as ondas do Oceano;

(Lus. III, 17, 18.)

e a de Portugal:

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no Oceano.

(Lus. III, 20.)

Veja-se como em duas palavras se demonstra a importancia do porto de Moçambique:

Esta ilha pequena
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala;
E por ser necessaria procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a;

(Lus. I, 54.)

e como com outras duas se descreve a ilha de Mombaça:

Estava a ilha á terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade n'ella situada,
Que na frente do mar apparecia,
Como *por fora ao longe* descobria,
Regida por um Rei de antiga idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

(Lus. I, 103.)

A grande peninsula indostanica, esse theatro de tantas glorias
nossas, é pintada assim:

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange
E para o Norte o Emodio cavernoso;
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.
Lá bem no grande monte, que, cortando
Tão longa terra, toda Azia discorre,
Que nomes tão diversos vae tomando,
Segundo as regiões por onde corre,

As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.
Entre um e outro rio, em grande espaço,
Sae da larga terra uma longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula defronta.

(Lus. VII, 17, 18 e 19.)

Nomea depois o Poeta as principaes nações indianas, e não lhe escapa lembrar a serra dos Gates, que é uma boa *marca* por ser visível de muitas leguas ao mar:

Aqui se enxerga, *lá do mar undoso*,
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro
Com que do Canará vive seguro;
Da terra os naturaes lhe chamam Gate.

(Lus. VII, 21, 22.)

E ao passar pelos seus portos não se esquece de notar o phenomeno a que os modernos geographos francezes dão o nome de *raz-de-marée*, que em alguns d'elles se observa, principalmente em Madrasta:

Do mar a enchente *subita grandissima*,
E a vasante que foge *apressurada*.

(Lus. X, 106.)

Fallando de Aden, lembra o Poeta a circumstancia bem conhecida de nunca lá chover:

a secca Adem,
pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

(Lus. X, 99.)

E estas duas palavras--*pedra viva*--são por si só uma completa descrição d'aquelle arido rochedo, onde já correu muito sangue portuguez.

A leddah attribue Camões toda a importancia que esse porto tem por ser a unica comunicação para os peregrinos que, por mar, vão a Mecca:

Lá no seio Erythreo
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca;
Gidá se chama o porto aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia.

(Lus. IX, 2, 3.)

Mas a descrição verdadeiramente magnifica, arrebatadora, é a que abrange todas as descobertas e conquistas na Africa, Asia, Oceania e America. Aquellas cincoenta estancias do canto X (91 a 141) com as que no canto V contem a *derrota* de Vasco da Gama desde Lisboa até Melinde, são um compendio de geographia das descobertas até ao seculo XVI. Ao lê-las parece-nos que se repete para nós a magica visão que Tethys offerecia na ilha dos Amores aos olhos surpresos do afortunado descobridor da India; parece-nos que vemos desenrolar-se a nossos olhos o mappa immenso de tantas ilhas, portos, montanhas, rios e promontorios; parece-nos que se agitam diante do nós tantos centenares de povos e nações, com os seus usos tão oppostos, com os seus trajos ora tão singelos ora tão complicados e custosos, com a riqueza de suas minas ou de suas industrias, com a sua historia tão cheia de contrastes. E um

espectaculo deslumbrante, unico, que obriga o mais fervente admirador dos genios modernos a render-se á superioridade evidente de Camões; porque Camões, e só elle, poude, sem ser monotono nem faltar á mais escrupulosa verdade, fazer de uma longa enumeração de terras e mares uma formosissima galeria das mais variadas paisagens e marinhas; porque só elle soube ser successivamente Claude Lorrain e Vernet, ficando ainda superior a estes e a todos os pintores, ficando sempre o grande, o incomparavel, o divino marinheiro LUIZ DE CAMÕES!

VII

No mais, musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

(Lus. X, 145.)

Perdoe-se ao pigmeu a ousadia de applicar a si as palavras do gigante. Mas, na verdade, para que serve continuar? Se houvessemos de citar todos os logares em que Luiz de Camões se mostrou exímio pintor da natureza, e principalmente da natureza marítima, teríamos de copiar quasi todo o seu poema. Cremos, porém, que o que fica transcripto é sufficiente para demonstrar a nossa asserção, de que o Poeta foi um marinheiro tocado da divina scintilla da inspiração, que lhe fez ver os grandiosos espectaculos da natureza taes como elles se manifestam.

E, comtudo, de que serve esta demonstração? Que póde ella fazer em prol do melhoramento do actual gosto litterario?

Nada.

Acontece com a historia das litteraturas como com a das nacionalidades. Quando o espirito de uma nação está decaído, quando faltam os nobres impulsos que a impelliram no seu progresso ascendente, quando está morto o patriotismo que centuplica as forças do individuo, quando o egoismo tórpe substituiu a abnegação e o amor da patria, é então que se recordam os tempos de gloria e se levantam monumentos aos heroes que já não é possivel imitar; são os vãos lamentos dos filhos de Israel captivos

em Babylonia, suspirando pela liberdade de Sião, que tão mal souberam defender.

E assim com as litteraturas. Quando passaram, para nunca mais voltar, os seus tempos de esplendorosa florescencia, vem os commentadores estudar as obras primas, mas não apparece um só que os imite. Onde estão hoje as pennas que escreveram os *Lusiadas* e as *Decadas*? E, deixando esses monumentos, que são como que as estrellas de primeira grandeza de um firmamento de eterno brilho, onde estão os successores de Diniz, de Bocage, de Garção, de Alexandre Herculano, de Rebello da Silva, de José Estevão, de Garrett, de Castilho? Transformaram-se os lagos cristalinos em charcos nauseabundos, as campinas viridentes em aridos pragaes; calaram-se os trinados dos rouxinoes, só se ouve o coaxar das rãs; e a consciencia publica, festejando o tri-centenario da morte de Luiz de Camões, manifesta em doloroso grito o arrependimento que sente por se ter deixado resvalar no plano inclinado do mau gosto, e marca na historia da litteratura portugueza o periodo da ultima decadencia.

FIM

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LUIZ DE
CAMÕES MARINHEIRO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.